CAPÍTULO 17 - 448A1–B16

> *448a1 Além disso, se os movimentos dos contrários são contrários; e os contrários não podem estar simultaneamente no mesmo átomo; e existem contrários, por exemplo doce e amargo, sob uma mesma potência sensitiva – então não se pode senti-los simultaneamente.*
>
> *Mas da mesma forma, claramente, também não se pode sentir simultaneamente objetos que não são contrários. Pois alguns pertencem ao branco e alguns ao preto. E da mesma forma em outros casos: por exemplo, alguns sabores pertencem ao doce e alguns ao amargo.*
>
> *Nem se pode sentir simultaneamente misturas simultaneamente, pois as proporções pertencem a opostos, por exemplo a oitava e a quinta; a menos que sejam percebidas como uma, mas assim uma única proporção é feita dos extremos, mas caso contrário não.*
>
> *Pois haverá simultaneamente muito para pouco, ou ímpar para par, ou pouco para muito, ou par para ímpar.*
>
> *Se, então, os chamados "elementos correspondentes", que estão em gêneros diferentes, estão separados e diferem uns dos outros ainda mais do que os objetos no mesmo gênero (chamo doce e branco, por exemplo, elementos correspondentes em gêneros diferentes, e doce difere especificamente de preto muito mais do que branco); então pode-se sentir estes simultaneamente ainda menos do que aqueles em um gênero. Então, se não os primeiros, então também não os últimos.*
>
> *448a19 Alguns dos que discutem symphoniae dizem que os sons não chegam simultaneamente, mas parecem, e isso passa despercebido, pois o tempo é insensível. É correto dizer isso ou não? Talvez alguém dirá que é também por isso que alguém pensa que vê e ouve simultaneamente, ou seja, porque os intervalos de tempo intermediários passam despercebidos.*
>
> *448a24 Ou talvez não seja verdade que qualquer intervalo de tempo possa ser insensível ou passar despercebido: ao contrário, absolutamente todos podem ser percebidos.*
>
> *448a26 Pois se, quando alguém percebe a si mesmo ou a outra coisa em um lapso contínuo de tempo, não lhe pode escapar que isso existe; e algo existe em*

> *um lapso contínuo de tempo; e ele é tão breve a ponto de ser completamente insensível; fica claro que então lhe escapará se ele próprio existe, e que está vendo, e que está sentindo, e se está sentindo.*
>
> *448a30 Além disso, não haverá lapso de tempo (e nenhuma coisa que se perceba) durante o qual não seja o caso de estar sendo percebido em alguma parte dele (ou de se ver alguma parte da coisa) — se, de fato, há alguma magnitude de tempo, e de uma coisa que é insensível devido à pequenez.*
>
> *Pois, se alguém está vendo e percebendo o todo durante o mesmo lapso contínuo de tempo, não por fazê-lo em alguma parte dele — então, subtraia-se GB, no qual não estava sendo percebido. Consequentemente, não se percebe "durante uma parte dele", ou "uma parte dele", da maneira que se vê a terra inteira porque se vê uma parte dela, e se caminha durante um ano porque se faz isso durante esta parte dele. Antes, não se percebe nada em GB. Portanto, é porque se percebe em uma parte, a saber, AG, que se diz perceber o todo de AB, e a coisa inteira. Mas o mesmo raciocínio também se aplica a AG: é sempre um caso de "durante uma parte dele", e "uma parte dele", e é impossível perceber o todo de AGB.*
>
> *448b12 Todas as coisas, então, são perceptíveis, mas não se mostram como tudo o que são: o tamanho do sol, de longe, parece ter quatro côvados. Uma coisa não se mostra como tudo o que é: antes, às vezes é indivisível, mas se vê o que não é indivisível. A causa disso foi declarada anteriormente.*
>
> *448b16 Portanto, fica claro por estas observações que nenhum lapso de tempo é insensível.*

Comentário

448al Tendo apresentado dois argumentos para mostrar que é impossível que dois sentidos percebam simultaneamente, apresenta aqui um terceiro argumento para a mesma conclusão baseado na contrariedade dos objetos sensíveis.

Ele diz que as alterações causadas pelos contrários são contrárias, por exemplo, aquecer e resfriar. Mas os contrários não podem estar simultaneamente no mesmo "átomo" — isto é, na mesma parte indivisível (os contrários podem estar simultaneamente na mesma parte divisível com respeito a diferentes partes dela). Mas é claro que os objetos sob um mesmo poder sensitivo são contrários, por exemplo, doce e amargo. Portanto, não podem ser percebidos simultaneamente.

O argumento é semelhante no caso de objetos que não são contrários, isto é, objetos intermediários, alguns dos quais se aproximam mais de um extremo, e outros do outro. Por exemplo, como foi dito acima sobre cores e sabores, algumas cores intermediárias pertencem ao branco e algumas ao preto, e da mesma forma alguns sabores intermediários pertencem ao doce e alguns ao amargo.

E o argumento é o mesmo no caso de todas as misturas, pois misturas diferentes têm uma contrariedade entre si porque são feitas em proporções diferentes, e proporções diferentes têm uma oposição umas às outras. Isso fica claro nas harmonias: uma é chamada de oitava, que consiste na proporção dupla, de dois para um; outra é chamada de quinta, que consiste na proporção sesquialtera, de três para dois. Tais coisas, digo, assim misturadas em proporções diferentes, não podem ser percebidas simultaneamente, por causa da oposição entre as proporções — a menos que, talvez, duas sejam percebidas como uma, porque assim uma proporção será feita a partir de dois extremos.

Em seguida, mostra que proporções diferentes são opostas segundo os dois tipos de oposição encontrados nos números. Uma é segundo muito e pouco, pela qual a proporção de dobro e a proporção de metade são opostas: pois a proporção de dobro é de muitos para poucos, mas a proporção de metade é de poucos para muitos. O outro tipo de oposição é segundo par e ímpar, pelo qual a proporção dupla e a proporção sesquialtera são opostas: pois a proporção dupla é de dois para um, isto é, de par para ímpar, mas a proporção sesquialtera é de três para dois, isto é, de ímpar para par.

Assim, fica claro que os objetos que caem sob o mesmo sentido não podem ser percebidos simultaneamente. Mas os objetos que se correspondem como "elementos" existentes em gêneros diferentes — por exemplo, doce e branco — estão mais distantes entre si do que os objetos pertencentes a um mesmo gênero. Pois os objetos pertencentes a um mesmo gênero, como branco e preto, são distinguidos especificamente apenas por causa do modo de perceber. Mas os objetos pertencentes a gêneros diferentes podem diferir especificamente não apenas do ponto de vista do poder sensitivo, mas também do ponto de vista do modo de perceber: por exemplo, o doce difere do preto mais do que o branco. Portanto, eles são menos capazes de serem percebidos simultaneamente, o que é, por assim dizer, ser numericamente um, como foi estabelecido acima. Portanto, se os objetos pertencentes a um mesmo gênero não podem, por causa de sua contrariedade, ser percebidos simultaneamente, muito menos os objetos pertencentes a gêneros diferentes podem ser percebidos simultaneamente.

448a19 Então, quando ele diz Alguns dos que discutem as sinfonias, ele elimina uma falsa solução para esta questão.

Primeiro, ele a relata. Segundo, a refuta, onde ele diz Ou talvez não seja verdade (448a24).

Consequentemente, ele diz primeiro que alguns que trataram das "sinfonias" — isto é, harmonias musicais — disseram que os sons harmoniosos não chegam ao sentido da audição simultaneamente, mas que parecem chegar simultaneamente porque o tempo intermediário é insensível devido à sua brevidade. Pode haver dúvida sobre isso: É correto dizer isso ou não? Se for correto, alguém que concorda com os argumentos apresentados acima poderá dizer que, da mesma forma, com respeito à questão levantada, não é possível ver e ouvir simultaneamente, embora isso pareça ao poder sensitivo acontecer, porque os lapsos de tempo intermediários entre a visão e a audição nos escapam.

448a24 Quando ele diz "Ou talvez não seja verdade", ele refuta a solução mencionada acima.

Sobre este ponto, ele faz três coisas. Primeiro, elimina algo que a solução apresentada pressupõe. Segundo, prova o que disse, onde diz: "Pois se, quando alguém percebe a si mesmo" (448a26). Terceiro, esclarece o que é verdadeiro na solução, onde diz: "Todas as coisas, então, são sensíveis" (448b12).

Assim, ele primeiro diz que algo que a solução apresentada pressupõe não é verdadeiro, ou seja, que há um intervalo de tempo insensível, ou que escapa à percepção da faculdade sensorial. Pois nenhum intervalo de tempo é assim; antes, todos os intervalos de tempo podem ser sentidos.

448a26 Quando ele diz "Pois se, quando alguém percebe a si mesmo", ele prova o que disse com dois argumentos.

Quanto ao primeiro deles, devemos considerar que o tempo não é sentido como algo permanente apresentado a uma faculdade sensorial da mesma forma que a cor ou o tamanho são apresentados à visão. Antes, o tempo é sentido porque algo que está no tempo é sentido. Segue-se, então, que se há algum intervalo de tempo insensível, aquilo que está nesse intervalo de tempo é insensível.

Assim, ele diz que se, em algum ponto, em algum intervalo de tempo contínuo, um ser humano percebe que ele mesmo existe, não pode escapar à sua percepção que esse intervalo de tempo existe. Ora, é claro que o ser humano, ou algo mais, existe em algum intervalo de tempo contínuo. E por mais breve que você diga que é o intervalo de tempo insensível, é claro que escapará à percepção do ser humano que ele mesmo existe durante esse tempo, e escapará à sua percepção que ele está vendo ou sentindo durante esse tempo, o que é totalmente irrazoável. Portanto, é impossível que um intervalo de tempo seja insensível.

448a30 Ele apresenta o segundo argumento onde diz: "Além disso, não haverá intervalo de tempo".

Sobre isso, deve-se primeiro considerar que, como o Filósofo diz na Física V, algo é dito mover-se ou ser movido de três maneiras: de uma maneira acidental, por exemplo, se dizemos que aquele que é musical está andando; de outra maneira, em relação a uma parte, por exemplo, se dizemos que um homem é curado porque seu olho é curado; e de uma terceira maneira, primária e por si mesma, ou seja, quando algo é movido ou se move não porque apenas uma parte dele é movida ou se move, mas porque o todo é movido em relação a cada uma de suas partes. [Nota de rodapé]

Da mesma forma, algo pode ser dito sentido de três maneiras: de uma maneira acidental, como, por exemplo, o que é doce é visto; de outra maneira, em relação a uma parte, por exemplo, se dizemos que um homem é visto porque apenas sua cabeça é vista; e de uma terceira maneira, primária e por si mesma, ou seja, não porque apenas alguma parte dele é vista.

Assim, ele diz que se há alguma magnitude — seja de tempo ou de algo corpóreo — que é insensível devido à pequenez, o que se seguirá é isto: não haverá intervalo de tempo e nem coisa que alguém perceba (ou seja, nenhuma coisa que é percebida, ou que uma faculdade sensorial percebe) durante a qual (ou seja, durante o qual intervalo de tempo) não seja o caso (ou seja, durante o qual o tempo não está sendo percebido) porque está sendo percebido em alguma parte dela. Em outras palavras: não haverá intervalo de tempo que seja sensível "primariamente", ou seja, que não seja dito percebido porque alguma parte dele está sendo percebida. E com referência

à coisa corpórea, ele acrescenta "ou porque alguém vê alguma parte da coisa". Em outras palavras: não haverá magnitude corpórea que não seja percebida porque alguma parte dela é percebida, o que significa que nenhuma magnitude corpórea é sensível "primariamente".

Para provar o que disse, ele acrescenta que se alguém vê, ou percebe por qualquer sentido, durante algum intervalo de tempo contínuo, não em razão de uma parte do tempo ou da magnitude; e, no entanto, considera-se que alguma magnitude e intervalo de tempo são insensíveis devido à pequenez; então, que haja uma magnitude — seja de tempo ou de algo corpóreo —, a saber, AGB, e que a parte dela que é GB seja insensível devido à pequenez. Assim, não se pode dizer desta parte que é insensível devido à pequenez que é percebida "em uma parte dela" — se for um intervalo de tempo insensível — ou que "uma parte dela" é percebida — se for um corpo insensível — como se diz que a terra inteira é vista por alguém porque uma parte da terra é vista, e como se diz que alguém anda durante um ano porque anda durante uma parte do ano. Portanto, porque não se percebe nada em GB, resta que se diz que o todo de AB é percebido — seja um tempo ou um corpo — porque o todo de AB é percebido na parte que resta, a saber, AG. E o relato da magnitude AG, que se considera percebida, é o mesmo, porque uma parte dela será insensível devido à pequenez. E assim, qualquer coisa sensível será sempre dita percebida porque é percebida em uma parte dela — se for um intervalo de tempo — ou porque uma parte dela é percebida — se for um corpo. Mas será possível não perceber nada inteiro, como AGB.

Mas isso parece irrazoável. Portanto, não há intervalo de tempo ou corpo que seja insensível devido à pequenez.

+0+

Mas este argumento não parece funcionar. Pois uma coisa é percebida porque tem poder de alterar um sentido. Ora, está provado na Física VII que, se um todo move algo móvel em algum intervalo de tempo, não é necessário que uma parte do todo mova a coisa móvel em qualquer intervalo de tempo. [Nota de rodapé] Mas embora nenhuma parte do todo, talvez, pudesse causar o movimento, no entanto, o todo que causa o movimento é dito ser o primeiro motor. Da mesma forma, parece, poder-se-ia dizer que uma coisa pode ser sensível "primariamente" embora algumas partes dela sejam insensíveis devido à pequenez.

Em resposta a isso, deve-se dizer que há uma diferença entre falar de uma parte existente em um todo e uma parte separada de um todo. Se uma parte do que primariamente causa movimento é separada, pode não ser capaz de causar movimento. Mas se, enquanto existente no todo, ela não cooperou no poder de mover do todo, mas carece completamente de poder para mover, seguir-se-ia que o todo seria o motor não "primariamente", mas em razão da parte à qual pertence o poder de mover.

Da mesma forma, nada impede que uma parte tomada separadamente escape à percepção de um sentido por causa de sua pequenez, como foi estabelecido acima, enquanto, no entanto, a parte como existente no todo cai sob o sentido na medida em que o sentido é aplicado ao todo, sem que nenhuma parte seja deixada de fora.

+0+

448b12 Para abordar essa dúvida, em seguida, quando ele diz **Todas as coisas, então, são sensíveis**, ele mostra o que é verdadeiro no que foi dito anteriormente.

Ele diz que todas as coisas, sejam grandes ou pequenas, são sensíveis, mas não aparecem como tudo o que são, ou seja, não aparecem como são em todos os aspectos. Isso é claro no caso do sol, cujo tamanho é muito maior que o da terra e, no entanto, por estar distante, parece ter quatro côvados de tamanho, ou até menos. Da mesma forma, embora todas as coisas sejam sensíveis por sua natureza, um objeto não aparece em ato como tudo o que é: às vezes é indivisível, mas vê-se o que não é indivisível. Isso pode ser entendido de duas maneiras.

Uma maneira é conforme "indivisível" se refere a algum corpo natural mínimo que não pode ser mais dividido sem ser destruído, e então absorvido pelo corpo circundante. Assim, o significado será que um corpo indivisível é sensível em si mesmo, embora o sentido não possa ver um objeto indivisível desse tipo.

Na outra maneira, "indivisível" pode ser entendido como o que não está dividido em ato, por exemplo, uma parte de um contínuo. O sentido não vê esse tipo de objeto indivisível em ato.

O que ele acrescenta se encaixa em ambas as explicações: que a causa disso foi declarada acima, ou seja, na determinação da primeira questão. Mas a segunda explicação parece ser melhor, porque por meio dela a objeção mencionada é resolvida, pois qualquer parte de uma magnitude contínua é de fato percebida dentro do todo enquanto está no todo em potência, embora não seja percebida em ato como separada.

448b16 Finalmente, ele conclui que está claro, a partir do que foi dito, que nenhuma extensão de tempo é insensível.

Revision #2
Created 5 October 2026 23:51:39 by Admin
Updated 7 October 2026 00:17:06 by Admin